

A construção discursiva do “Globo Repórter” sobre os agentes sociais da Amazônia

Juliana de Oliveira Vicentini¹
Universidade de São Paulo – USP

Resumo

A mídia é produtora de versões sobre a realidade, contribuindo informalmente na educação dos indivíduos. No Brasil, o principal conglomerado midiático, ‘a Rede Globo’, é detentor das mais diversas mídias, inclusive, é proprietário da maior emissora de TV aberta no país. Um dos programas que compõem a programação televisiva do canal “Globo” é o “Globo Repórter”, o qual aborda os mais diversos temas semanalmente. Um dos assuntos mais frequentes naquele programa é a Amazônia. Esta é conhecida internacionalmente por sua importância ambiental. Diante da multiplicidade de questões que envolvem o presente objetivo consiste em verificar criticamente a maneira que aquele enunciador discursa sobre os agentes sociais que compõem aquele ambiente. Para tanto, a perspectiva de investigação empregada é a análise crítica do discurso. A população amazônica é estereotipada como ‘ribeirinha’ e é exibida em segundo plano de maneira idealizada e atrasada, ou seja, trata-se de uma visão fragmentada sobre ela.

Palavras-chave: Discurso. Mídia. Globo Repórter. Amazônia. Ribeirinhos.

Abstract

The media is producing versions of reality, informally helping in the education of individuals. In Brazil, the main media conglomerate, 'Rede Globo', holds the most diverse media, including, owns the largest public TV station in the country. One of the programs that make up the TV programming channel "Globe" is the "Globe Reporter", which addresses various topics weekly. One of the most common issues that program is Amazon. This is internationally known for its environmental importance. Given the multiplicity of issues surrounding it, this objective is to critically check the way that enunciator talks about social agents that make up that environment. Therefore, the main research perspective is the critical discourse analysis. The Amazonian population is stereotyped as 'river' and appears in second idealized and delayed way up, ie it is a fragmented view on it.

Palavras-chave: Speech. Media. Globe repórter. Amazon. Ribeirinhos.

¹ Doutoranda em Ecologia Aplicada pela Universidade de São Paulo. É mestra em Ciências pela mesma universidade. Possui licenciatura em Geografia pelo Instituto Superior de Ciências Aplicadas. ju_vicentini@yahoo.com.br.

A mídia é onipresente (SILVERSTONE, 2005) na pós-modernidade. Ela pode ser compreendida como uma enunciadora de amplo alcance, ou seja, como disseminadora e construtora de discursos que implica nas mais diversas interpretações nada neutras da realidade. Tal ausência de neutralidade está atrelada a dependência que ela possui de alguns segmentos. Na visão de Herman e Chomsky (2003) a mídia possui cinco filtros que a tornam dependente, são eles: 1) a propriedade e a orientação para os lucros; 2) a dependência em relação aos anunciantes; 3) a relação com as fontes de notícia; 4) as ameaças e reações negativas dos afetados pelas notícias e 5) uma postura pró-mercado.

A mídia enquanto um agente econômico e discursivo (MORAES, 2003) está atenta aos interesses da população (embora também tenha capacidade de fabricar tais interesses) para transformá-los em objetos de consumo.

Neste cenário, as questões ambientais têm sido apropriadas por ela justamente por ser um dos temas que interessam a coletividade. Diante da extensa agenda ambiental, a Amazônia é um assunto que possui projeções nacional e internacional, portanto, ela se constitui como uma das pautas dos meios de comunicação de massa (VICENTINI, 2013).

No Brasil, o principal conglomerado midiático é aquele popularmente conhecido como “Globo”. Esta é a maior empresa da América Latina, e uma das maiores do mundo (INSTITUTE FOR MEDIA AND COMMUNICATIONS POLICY², 2014). Ela é proprietária das mais diversas mídias no território nacional, com destaque para o canal de TV aberta “Rede Globo”, cuja cobertura atinge quase 100% do território brasileiro. Diante da programação diversa que compõe aquela emissora, o “Globo Repórter” é um dos programas que tem se destacado ao longo dos anos.

O “Globo Repórter” está no ar há mais de quatro décadas. Trata-se de um programa semanal que a cada sexta-feira apresenta um assunto diferente para o público, seja relacionado a saúde, bem estar, trabalho, alimentação, aventura, entre outros. Segundo Vicentini (2013), ele pode ser considerado como um dos popularizadores de discursos supostamente ambientais. Neste cenário, a Amazônia é assunto frequente das exposições do programa. Este fato pode estar atrelado à importância ambiental que ela possui e também à projeção internacional que tem conquistado nos últimos anos. Neste sentido, Vicentini (2013, p. 16) destaca que a Amazônia “tem sido tema de reportagens,

² Instituto para a Política de Comunicações e Mídia

notícias, novelas, minisséries, lendas, poemas, publicidades, campanhas ambientais e políticas, pesquisas, entre outros. Assim, ela é um dos assuntos da contemporaneidade”.

Em 2010, o “Globo Repórter” exibiu quatro reportagens sobre a Amazônia, os quais compõem o presente *corpus*: (1) “Amazônia: vida ribeirinha”; (2) “Os médicos na Amazônia: navio da esperança”; (3) “Nos extremos da floresta”; (4) “No mundo das águas amazônicas”.

Tendo em vista que o programa possui grande audiência, ou seja, aquilo que é veiculado por ele atinge dezenas de milhares de pessoas, o presente objetivo consiste em denunciar e compreender a maneira que os agentes sociais da Amazônia são construídos e veiculados por tal enunciador. Para tanto, a perspectiva de investigação escolhida é a análise crítica do discurso.

Análise crítica do discurso

A análise crítica do discurso pode ser considerada como “uma teoria ou como um método ou até mesmo, como uma perspectiva teórica que versa sobre a linguagem” (PEDROSA, 2008, p. 118). Ela objetiva a compreensão da linguagem “na constituição e na transmissão de conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder” (PEDROSA, 2008, p. 119).

Ao utilizar o termo “discurso”, Fairclough (2001) propõe

[...] considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação [...]. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Assim, nota-se uma dialética entre o discurso e a estrutura social. “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (IB., *op. cit.*).

Wodak (2004, p. 230) destaca que a análise crítica do discurso serve para “revelar a natureza discursiva de muitas das mudanças sociais e culturais contemporâneas. Particularmente, a linguagem da mídia de massa [...] como um espaço de poder, de lutas”.

De acordo com Fairclough (2001, p. 5), a análise crítica dos textos midiáticos pode iluminar três questões: (1) como o mundo (eventos, relações, etc.) é representado?; (2) quais identidades são estabelecidas por aqueles envolvidos no programa ou na história (repórter, audiências...)?; (3) quais relações são estabelecidas entre os envolvidos (repórter - audiência; especialista - audiência; ou políticos – audiência)?

A população amazônica do “Globo Repórter”

A população amazônica, marcada pela heterogeneidade, é composta por indígenas isolados ou semi-isolados, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, extrativistas, pescadores, quilombolas, camponeses, mineradores, migrantes de origem diversa e por pessoas ricas e pobres residentes na área urbana (TRATADO DE COOPERAÇÃO AMAZÔNICA, 1993).

Ao longo da análise dos programas que compõem o *corpus* desta pesquisa, constatou-se que, o vocábulo mais utilizado para caracterizar as pessoas que aparecem nas exibições do “Globo Repórter”, foi “ribeirinho(a)(s)”³.

Noda *et al.* (2001) caracteriza os “ribeirinhos” como aqueles que vivem em pequenas comunidades de 20 a 40 palafitas, à beira dos rios, dos igarapés, dos igapós, furos e lagos que compõem o vasto e complexo estuário amazônico. Hiraoka (1992) completa que aqueles sujeitos conhecem as matas e coletam ervas, alimentos, madeira e outros itens para seu consumo ou para a construção de suas casas ou objetos. Segundo Maybury-Lewis (1999) os “ribeirinhos” dependem da agricultura de subsistência e da pesca, sendo que a produção excedente é comercializada nos mercados locais e regionais.

Ao longo do tempo a Amazônia e seus agentes sociais têm sido representados de diversas maneiras. Cruz (2008) afirma que as representações sobre os “ribeirinhos” “alicerçaram diferentes “modos de ver” a identidade dessas populações. Aquele pesquisador destaca “três modos de ver” as identidades dos “ribeirinhos”: o “olhar naturalista”, o “olhar romântico tradicionalista” e o “olhar moderno/colonial” (p. 52).

³O “Globo Repórter” utilizou uma categoria homogênea para aqueles moradores residentes à margem dos rios que compõem as imagens dos programas analisados: “ribeirinhos”. Por considerar esta classificação simplista demais, optou-se por utilizar a palavra ribeirinho entre aspas, pois existem outras populações que moram na beira dos corpos d’água e que possuem características diferentes entre si, como por exemplo, os quilombolas, pescadores, seringueiros, castanheiros, indígenas. Há ainda hotéis, resorts, condomínios de luxo, entre outros, que também estão localizados a margem dos rios, mas que não possuem um perfil “ribeirinho”.

O “olhar naturalista” diz respeito à ocultação deste grupo humano. Isto se deve ao fato da Amazônia ser exaltada prioritariamente enquanto natureza, como fonte de recursos ambientais, silenciando desta forma, a diversidade humana e cultural daquela região.

A segunda visão, o “olhar romântico naturalista” concerne a uma idealização do modo de vida dos “ribeirinhos”, “como aquilo que é o “autêntico”, o “original”, o “verdadeiro” “o exótico”. Essa idealização vê o “caboclo ribeirinho” como o “bom selvagem” que ainda não cometeu “o pecado original da modernidade [...]” (CRUZ, 2008, p. 53).

Já o “olhar moderno/colonial” trata de uma espécie de rotulação dos “ribeirinhos”. Para Cruz (IB., *op. cit.*) “essa visão talvez seja a mais forte e arraigada no imaginário social e está assentada num conjunto de representações marcadas por preconceitos e estigmas sociais e culturais que justificam uma visão moderna/colonial e racista dessas populações” [“ribeirinhas”].

Mas afinal, qual é a identidade social atribuída aos “ribeirinhos” pelo “Globo Repórter”?

Os “ribeirinhos” do “Globo Repórter” não são apresentados como sujeitos com histórias próprias nas exposições analisadas. Eles são produzidos como um ornamento natural do ambiente amazônico. Isto ocorre da seguinte maneira. A Amazônia é projetada como sinônimo de natureza em todos os programas de 2010, ou seja, ela é exaltada como a representação de águas e matas. Para reiterar tal discurso, o “Globo Repórter” faz dos “ribeirinhos” um dos componentes das imagens de rios e florestas para legitimar a Amazônia como um ambiente sem interferência humana. Logo, há o “olhar naturalista” (CRUZ, 2008), que silencia aquela população, o que mostra que a questão humana da Amazônia não foi o foco das exposições aqui analisadas.

Tal concepção é reforçada por aquilo que Cruz (2008) denomina como o “olhar romântico naturalista”. Se o programa insiste na ideia de uma Amazônia exclusivamente como o símbolo da natureza, conseqüentemente a população que compõe as imagens precisa enfatizar este discurso. Assim, os “ribeirinhos” são produzidos como elementos complementares do cenário amazônico. Eles são exibidos de forma sensacionalista e exótica. Quando os “ribeirinhos” aparecem em segundo plano, o modo de vida daquelas pessoas é exaltado, conforme pode ser observado nos excertos que seguem.

R⁴: “O desafio das águas traz a tona a força e o espírito valente dos ribeirinhos”.

R: “É uma prova de equilíbrio, é assim a rotina de malabarismo no lar amazônico”.

R: “É mesmo uma rotina de aventuras”.

R: “[...] tem seus dias de Noé”.

R: “Os ribeirinhos parecem caminhar sobre as águas”.

R: “E nesta ilha que parece de fantasia, as pessoas vivem de quê? É o jeitinho ribeirinho”.

Assim, a perspectiva idealizada pauta-se na descrição superficial do modo de vida daquelas pessoas: viver da forma que o programa apresenta é algo sensacional.

O terceiro olhar pontuado por Cruz (2008) diz respeito a construção dos “ribeirinhos” como a representação daquilo que o programa entende como “tradicional”, isto é, a vida na floresta amazônica, cercada por águas, matas e animais selvagens. Tal concepção vai ao encontro daquilo que Santos (2002, p. 246) denomina de “razão metonímica”, ou seja, trata-se de uma forma de pensamento que “toma a parte pelo todo”, produzindo um todo que não é todo, mas a projeção de uma de suas partes. Esta racionalidade possui lógicas de produção de “não-existência do que não cabe na totalidade e no seu tempo linear. Há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível” (SANTOS, 2002, p. 246). Assim, a razão metonímica produz cinco⁵ modos de produção da não-existência (SANTOS, 2002, p. 246). Neste momento interessa destacar a monocultura do tempo linear. Esta reside na

[...] ideia de que a história tem sentido e direcção únicos e conhecidos. Esse sentido e essa direcção têm sido formulados de diversas formas nos últimos duzentos anos: progresso, revolução, modernização, desenvolvimento, crescimento, globalização [...]. Esta lógica produz não-existência declarando atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é declarado avançado (SANTOS, 2002, p. 247).

O produto desta monocultura do tempo linear é a inexistência daquilo que é tratado como residual, “que por sua vez, tem [...] adoptado várias designações, a

⁴ R significa repórter

⁵ (1) monocultura do saber e do rigor do saber; (2) monocultura do tempo linear; (3) lógica da classificação social; (4) lógica da escala dominante; (5) lógica produtivista.

primeira das quais foi o primitivo, seguindo-se outras como o tradicional, o pré-moderno, o simples, o obsoleto, o subdesenvolvido” (SANTOS, 2002, p. 247).

Neste cenário, o pequeno número de “ribeirinhos” que compõe as imagens dos programas do “Globo Repórter” aqui analisados é exibido como minoria improdutiva e rudimentar, ou nas palavras de Santos (2002), como “tradicional”:

R: “Na cheia, os ribeirinhos não têm muitas opções”.

R: “Essa terra é a principal razão de muitos ribeirinhos escolherem esse lugar para viver”.

A projeção daquele grupo como pertencente ao passado é enfatizada pelo repórter:

R: “Brasileiros que desafiam a natureza na beira dos rios”.

R: “[...] convivem com animais selvagens”.

R: “Os ribeirinhos falam a língua dos animais, até do jacaré, e conseguem achar buraco de tatu, como quem acha agulha no palheiro”.

Se compararmos com a dinâmica urbana, capitalista e globalizada que parte da sociedade pós-moderna está inserida, de fato, os “ribeirinhos” possuem um modo de vida diferente, mas isto não significa que possam ser estereotipados como pertencentes ao “passado” (VICENTINI, 2013). Aquilo que é diferente, não é necessariamente inferior ou subdesenvolvido. O programa destaca que os “ribeirinhos” vivem “isolados na floresta amazônica” (GLOBO REPÓRTER, 2010) e dependem daquilo que plantam e caçam para sobreviver, fato atípico na maioria das cidades.

R: “[...] vivem isolados na Floresta Amazônica”.

R: “Caçar para comer. Para os ribeirinhos sempre foi assim”.

R: “Gente que come apenas o que planta e caça e trata da saúde só com remédios extraídos da mata”.

No entanto, Silva e Garavello (2012) apontam que esta realidade mudou, ou seja, a alimentação dos “ribeirinhos” não se restringe unicamente aquilo que plantam e caçam. Aqueles pesquisadores mostraram que na atualidade, aquela população tem consumido diversos produtos industrializados, a exemplo da gordura, do açúcar e do óleo vegetal, além de carne de boi e de frango.

O “Globo Repórter” também afirma que os “ribeirinhos” tratam dos problemas de saúde apenas com os remédios extraídos da mata.

R: “De uma folha, de uma casca de árvore, de uma raiz, eles conseguem extrair remédios que curam doenças graves”.

R: “Alimentos e remédios: Dona Fátima vive cercada de recursos naturais poderosíssimos”.

Estas características reforçadas pelo enunciador em questão, projeta os “ribeirinhos” como um grupo não vulnerável a enfermidades, pois de acordo com o programa, eles possuem recursos que sanam qualquer doença. No entanto, Wawzyniak (2011, p. 88) afirma que os “ribeirinhos” não se restringem aos recursos da floresta para curar os problemas de saúde. Aquele pesquisador mostra que, dependendo da doença, aquele grupo “desloca-se em busca de novas alternativas, articulando diferentes saberes e procedimentos oriundos de distintos sistemas terapêuticos, inclusive religiosos” (WAWZYNIAK, 2011, p. 88). Segundo Wawzyniak (2011, p. 89), em busca da cura, os “ribeirinhos” procuram aquelas pessoas que têm o “*dom de trabalhar com saúde*”, entre elas: “pajés, curadores, benzedores, puxadores e parteiras”. Além disto, eles buscam “recursos da medicina”, articulando ou sintetizando o modelo tradicional com o biomédico”.

Para o “Globo Repórter”, os “ribeirinhos” são a representação do vagaroso, pois são submissos à natureza, uma vez que ela é quem dita seu ritmo de vida.

R: “E assim, a vida dos ribeirinhos segue o curso do rio”.

R: “É. O tempo passa diferente por aqui”.

R: “É o vai e vem dos rios que comanda o destino dos ribeirinhos”.

R: “Aqui a natureza e o homem convivem em harmonia”.

É evidente que todos os seres vivos possuem uma forte relação com a natureza e que dependem dos ciclos ambientais para sobreviver. Com os “ribeirinhos”, isto não é diferente, porém, o que se percebe, é a superficialidade da construção deste olhar.

Contudo, apesar dessa importância da natureza para construção do modo de vida das populações ribeirinhas não podemos resumir e simplificar a especificidade da identidade ribeirinha a essa dimensão, pois se a diversidade da natureza é um elemento fundamental na construção das práticas e representações espaciais e na conformação das identidades territoriais dessas populações, seu significado e sua relevância são sempre social e culturalmente construídas (CRUZ, 2008, p. 55).

É necessário um entendimento sobre os “ribeirinhos” a partir da dimensão social e não apenas ambiental/territorial, mas isto não se constitui em preocupação do “Globo Repórter”. Existe um silenciamento sobre algumas características que compõe a realidade “ribeirinha”. O isolamento das populações filmadas, alguns aspectos sobre a água e a alimentação em determinadas épocas do ano, a questão da saúde, do escarpamento, do

analfabetismo, da pirataria e outras questões sociais, não foram abordadas com profundidade, aparecendo apenas rapidamente. Na verdade, a audiência precisa constatar por si só, que aqueles elementos que compõem tal discurso se constituem como problemas. Supõe-se que, para o “Globo Repórter”, aqueles assuntos negativos são integrantes do cenário amazônico, ou seja, é algo natural, que já faz parte da rotina dos poucos moradores daquele lugar, portanto não precisam ser enfatizados e discutidos. Se o programa se propõe a mostrar de forma secundária um pequeno número de famílias, como se a Amazônia não fosse habitada, logo, o discurso do Éden faz sentido: onde não existem pessoas, não existem problemas.

R: “[...] lugar onde vivem isolados menos de 100 brasileiros”.

R: “São raros os habitantes desse paraíso amazônico”.

A vida daquelas pessoas é mostrada como sinônimo de fartura e bem-estar.

R: “No paraíso do seu Manuel tem peixe e tem caça”.

O paraíso amazônico construído pelo “Globo Repórter” é reforçado por imagens que mostram a Amazônia como um lugar ideal para viver: abundante, tranquilo, feliz e aventureiro. A paisagem amazônica exibida pelo programa é aquela esteticamente harmoniosa, composta por rios, floresta e alguns poucos “ribeirinhos”. O programa também seleciona imagens de animais silvestres, como “araras vermelhas”, “macaco aranha”, “cobra”, “jacaré”, “boto”, “onça pintada”, “gaivotas”, entre outros, para colorir as suas exposições e para reafirmar a Amazônia enquanto símbolo de águas e matas. Desta forma, se pressupõe que, para o programa, a Amazônia é o verdadeiro Éden.

A seguir, alguns dados referentes ao “paraíso” amazônico, como, educação, alimentação, fecundidade, habitação, saneamento básico e saúde. Tais informações parecem contradizer a perfeição projetada pelo “Globo Repórter”.

Em determinados momentos do programa, o repórter relata o cotidiano dos “ribeirinhos” e comenta, por exemplo, sobre a rotina escolar. Algumas crianças demoram horas de barco para chegar à escola. Outras tantas precisam remar sozinhas para chegar àquele destino. Para a equipe do “Globo Repórter” este fato se constitui como aventureiro e não como uma dificuldade para a educação das crianças.

R: “Esse grupo aqui, por exemplo, atravessa o rio Amazonas todos os dias para ir à escola. Que espetáculo seria se todo mundo tivesse esse percurso até a sala de aula. Estamos no lago Janauacá, no Solimões. Para a nossa equipe de reportagem são duas horas de deslumbramento”.

Supondo que o ano letivo seja constituído por 200 dias. Duas horas diárias de transporte para ir à escola totalizam 400 horas/ano de viagem. Nada é dito sobre o absentismo dessas crianças. Ressalta-se que “são duas horas de deslumbramento” para a “equipe de reportagem” do “Globo Repórter”. Desconfia-se que para as crianças que vivem esta realidade, tal fato pode se constituir como tedioso e também pode ser uma das razões para a baixa escolaridade formal na Amazônia. Para o IBGE (2010), entre os anos de 2000 a 2010, a região Norte teve o maior percentual de jovens entre sete e quatorze anos de idade que não frequentavam a escola.

Em outro momento, uma moradora mostra que, em determinada época do ano ela precisa estocar água, caso contrário, sua subsistência estaria comprometida. Veja o comentário do repórter:

R: “Uma coleção de garrafas de água da chuva! Quando está assim lotado, a senhora acha bonito?”

O programa ainda afirma que os “ribeirinhos” contam com uma alimentação bastante farta e que não passam necessidades:

R: “Ninguém passa fome”.

R: “Tem tudo mesmo, plantação e criação de animais nas alturas”.

R: “Quando tudo é água, é tempo de muita fartura, abençoada multiplicação dos peixes”.

R: “Que mundo farto e fabuloso encontramos pela frente”.

Provavelmente a dieta do “ribeirinho” é farta se comparada, por exemplo, às pessoas menos favorecidas dos grandes núcleos urbanos. Mas de modo geral, a situação alimentar daquelas pessoas não reside em uma fartura edênica conforme proposto pelo “Globo Repórter”. Para Aguiar (2006, p. 130), “a subsistência das sociedades indígenas e de núcleos ribeirinhos recentes define-se num espectro relativamente restrito de recursos, mesmo em áreas de pesca”.

As famílias “ribeirinhas” que aparecem nos programas analisados são numerosas.

R: “Dez filhos. Ela conta dez filhos”.

R: “Doze filhos?”

Os indicadores demográficos referentes ao Censo 2010, realizado pelo IBGE, mostram que a taxa de fecundidade da região Norte do Brasil é superior à média nacional. Suspeita-se que o fato das famílias “ribeirinhas” serem numerosas esteja relacionado a alguns aspectos, como: ausência de planejamento familiar, baixa

escolaridade, falta de informação e dificuldade de acesso a métodos contraceptivos. A quantidade de pessoas que compõe a família “ribeirinha” é exibida como uma característica natural, como se fosse algo intrínseco da Amazônia. Ora, se assim o é, não há necessidade de problematizar tal questão.

Com relação à habitação, a construção da casa de cada “ribeirinho” é feita de madeira. É o rio que oferece a água para beber, para cozinhar, para tomar banho e lavar a roupa; é ele quem fornece os peixes – um dos componentes básicos da alimentação destas famílias; e é este mesmo rio que recebe diretamente os dejetos humanos e animais. Para o repórter, ter todas estas atividades realizadas ali mesmo sem a menor infraestrutura regada por uma suposta abundância hídrica, é um fato que está relacionado à liberdade.

R: “Aqui a água para o banho é o que não falta e pode ser a qualquer hora do dia ou da noite”.

As imagens veiculadas pelo “Globo Repórter” não parecem apontar na direção do discurso proferido por ele. Ao contrário, parecem revelar populações com grandes dificuldades materiais, quando comparadas com os padrões de consumo e assistência pregados constantemente pela emissora “Rede Globo” em seus programas e publicidades. As imagens sugerem habitações precárias, sem saneamento, água potável, condições de conforto, segurança, higiene e saúde.

Aguiar (2006, p. 132) descreve que uma pequena parcela da população da Amazônia possui tratamento de esgoto e água tratada:

Somente 10% da população amazônica é atendida por sistema de esgotamento sanitário e 54% goza de abastecimento regular de água tratada, quando as médias nacionais são de 47% e 78%, respectivamente [...]. Como para outros itens referenciais de progresso social, os indicadores de saúde do meio rural ribeirinho tendem a exibir variação desfavorável maior do que o do meio urbano.

Desta maneira, o percentual de contemplados pelos serviços mínimos que garantiriam uma melhor qualidade de vida aos moradores da Amazônia não abrange grande parte da população “ribeirinha”.

Confalonieri (2005, p. 225) aponta algumas enfermidades que a população tradicional - “ribeirinha” - fica sujeita:

[...] doenças infecciosas e parasitárias ("Infecções Focais"), bem como intoxicações por animais peçonhentos, resultantes da exposição humana em

atividades de subsistência, ou, simplesmente, pela proximidade e contato direto com os elementos do meio natural (vegetação; solo; animais; água etc.).

Aquele pesquisador ainda lista as doenças típicas que atingem os “ribeirinhos”, entre elas, a malária, a doença de Chagas, o ictismo (contato com peixes venenosos), diversos tipos de hepatite e a febre amarela (CONFALONIERI, 2005, p. 226).

Estes são apenas alguns exemplos que pontuam a ausência de políticas públicas capazes de atender as necessidades daqueles “ribeirinhos” em diversas áreas básicas, como educação, alimentação, saúde e moradia. Tais elementos desmontam o paraíso construído pelo “Globo Repórter” sobre a vida daquelas pessoas.

A forma discursiva do “Globo Repórter” mantém a Amazônia presa à noção de paraíso perdido. Porém, Euclides da Cunha em seus escritos de 1905 sobre a Amazônia já fazia uma crítica social à região. O autor desconstruiu a visão de “inferno verde” de Alberto Rangel e apontou que o verdadeiro obstáculo local não era o clima, mas sim o modo de vida das pessoas na Amazônia. Ele descreveu os conflitos nos seringais, a ausência de vias de transporte, de meios de comunicação, em suma, o abandono da região.

Durante sua expedição, o escritor endereçava cartas a intelectuais com o intuito de trazer a Amazônia para o debate público. Nos dias de hoje, este debate ainda não ocorre de modo apropriado nos meios de comunicação de massa. A Amazônia aparece com frequência na mídia, mas, como pode-se constatar, de forma fragmentada e idealizada. O “Globo Repórter”, diferentemente de outros programas televisivos, possui em média 45 minutos para abordar os temas aos quais se propõe a exibir. Isto poderia resultar numa discussão mais profunda sobre a realidade da região, mas não é o que ocorre.

Sabe-se que na atualidade a Amazônia continua sendo uma região muito problemática, tanto em termos sociais (AGUIAR, 2006), quanto ambientais. No entanto, suspeita-se que a finalidade do programa é proporcionar uma viagem aventureira ao telespectador, com o intuito de popularizar a Amazônia para o restante do Brasil e do mundo de acordo com as suas prioridades, inclusive ocultando os problemas enfrentados pela população local. Ramonet (1999, p. 22) caracteriza este tipo de comportamento midiático como o deslumbre do “espetáculo de evento”, no qual as informações são simplificáveis, redutíveis, capazes de se converter em espetáculo de

massa e se decompor num certo número de segmentos-emoções, nos quais tudo pode ser reduzido.

As condições sub-humanas de moradia, a miséria e a fome podem ser consideradas como problemas ambientais. Suspeita-se que elas não são integrantes das pautas midiáticas, porque possivelmente os meios de comunicação de massa não as consideram importantes. De modo geral, nota-se uma exaltação do “jeitinho ribeirinho” (GLOBO REPÓRTER, 2010) de viver e a ocultação dos demais sujeitos residentes na Amazônia naqueles programas que compõem o *corpus* desta pesquisa. Little (2004, p. 328) afirma que tal silenciamento de outros povos também ocorre em outros discursos, a exemplo dos discursos de ambientalista que falam pouquíssimo sobre os 70% da população urbana da Amazônia, a qual “sofre de problemas típicos das cidades, como falta de água potável e infraestrutura básica, problemas de saneamento e higiene, epidemias, violência, etc.”.

Exibir apenas aquela população que está atrelada diretamente a floresta indica uma insistente tendência em associar a Amazônia ao ambiente natural, como se a cidade e o desenvolvimento regional e seus confrontos não existissem.

Nos anos 1960, a floresta em pé e os “ribeirinhos” representavam um obstáculo ao desenvolvimento da Amazônia. Na época a alternativa daquelas pessoas era se submeter ao novo modelo ou simplesmente deixar de existir. Naquele contexto, o “novo” e o “desenvolvido” tinham primazia perante o “arcaico” e o “tradicional”, e desta forma, os “ribeirinhos” foram ocultados. Na atualidade nota-se uma “(re)valorização e uma (re)significação da identidade ribeirinha” (CRUZ, 2008, p. 63). Isto se deve a exaltação da natureza pela sociedade humana. Deste modo, o “ribeirinho” é produzido pelo programa como um “acontecimento” natural da Amazônia, portanto, é igualmente glorificado. Esta produção acaba por mutilar a realidade das pessoas que lá vivem, reduzindo sua complexidade a estereótipos.

Considerações finais

O “Globo Repórter” pode ser considerado como um dos principais enunciadores de discursos sobre a natureza, inclusive a respeito da Amazônia. No que tange a abordagem sobre os agentes sociais que compõe aquele ambiente, o programa reduziu toda a complexidade humana amazônica ao estereótipo de “ribeirinho”. Estes ficam submissos a três visões: a invisibilidade, a idealizada e a atrasada. Embora sejam olhares distintos, eles se apresentam de forma simultânea. Ainda que aquele grupo não seja o foco das exposições, ou

seja, aparece em segundo plano, quando mostrado, ele é idealizado justamente por ser a representação do tradicional. No contexto apresentado pelo programa, de forma geral, o “ribeirinho” é projetado positivamente, como um dos elementos intrínsecos da Amazônia.

Tendo em vista a abrangência que o programa possui, podemos suspeitar que tal informação fragmentada sobre aqueles povos pode resultar em desinformação para a audiência que acompanha o “Globo Repórter”, comprometendo assim o entendimento profundo sobre os “ribeirinhos” e outros grupos sociais que compõe a Amazônia, fato que pode influenciar inclusive o direcionamento ou não de determinadas políticas públicas na região.

Referências

AGUIAR, Gilberto Ferreira de Souza. Nutrição e adaptação humana em áreas de pesca na Amazônia: sugestões para políticas em saúde. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 dez. 2014.

AMAZÔNIA: vida ribeirinha. **Globo Repórter**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 22 jan. 2010. Programa de TV.

CASTRO, Fábio. Reorganizações identitárias na Amazônia brasileira. **Revista de Estudos Paraenses**, Belém, n. 01, p. 24-36, 2008.

CONFALONIERI, Ulisses. Saúde na Amazônia: um modelo conceitual para a análise de paisagens e doenças. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 dez. 2014.

CRUZ, Valter do Carmo. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha da Amazônia. In: TRINDADE JR., S.C.; TAVARES, M.G.C. (Org.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008. p. 49-69.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media discourse**. London: Longman, 2001.

HERMAN, Eduard; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia**. São Paulo: Futura, 2003. 470 p.

HIRAOKA, Mario. Caboclo and ribereño resource management in Amazonia: a review. In: PADOCH, Christine. **Conservation of neotropical forests: working from traditional resource use**. New York: Columbia University Press, 1992. p. 134-157.

INSTITUTE FOR MEDIA AND COMMUNICATIONS POLICY. **ONLINE DATA BASE: INTERNATIONAL MEDIA CORPORATIONS**. Disponível em: <<http://www.mediadb.eu/en/data-base/international-media-corporations.html>>. Acesso em: maio/2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CENSO 2010: ESCOLARIDADE E RENDIMENTO AUMENTAM E CAI MORTALIDADE INFANTIL**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2125&id_pagina=1. Acesso em 01 dez. 2014.

_____. **CENSO DEMOGRÁFICO 2010: RESULTADOS GERAIS DA AMOSTRA IBGE**. Disponível em: http://www.fazenda.gov.br/spe/publicacoes/conjuntura/informativo_economico/2012/2012_04/outras/IE%202012%2004%2027%20CENSO%202010.pdf. Acesso em: 02 dez. 2014.

LITTLE, Paul Elliotti. Ambientalismo e Amazônia: encontros e desencontros. In: SAYAGO, Doris; TOURRAND, Jean François; BURSZTYN, Marcel (Org.). **Amazônia: cenas e cenários**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2004. p. 321-344.

MAYBURY- LEWIS, Biorn. Terra e água: identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do rio Solimões. In: FURTADO, L. (Org.). **Amazônia, desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida**. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1999. p. 31-69.

MORAES, Denis. O capital da mídia na lógica da globalização. In: _____. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 187-216.

NODA, Sandra; NODA, Hiroshi; MARTINS, L. Utilização e apropriação das terras por agricultura familiar amazonense de várzeas. In: DIEGUES, A.C.; MOREIRA, A.C. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB; USP, 2001. p. 181-203.

PEDROSA, Cleide. **Análise crítica do discurso: do lingüístico ao social no gênero midiático**. Aracaju: Editora UFS, 2008. 262 p.

NO MUNDO DAS ÁGUAS AMAZÔNICAS, **Globo Repórter**, Rio de Janeiro: Rede Globo, 1 out. 2010. Programa de TV.

NOS EXTREMOS DA FLORESTA, **Globo Repórter**, Rio de Janeiro: Rede Globo, 9 jul. 2010. Programa de TV.

OS MÉDICOS NA AMAZÔNIA: navio da esperança, **Globo Repórter**, Rio de Janeiro: Rede Globo, 23 abr. 2010. Programa de TV.

RAMONET, Inácio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999. 140 p.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 237-280. 2002.

SILVA, Rodrigo; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. Ensaio sobre transição alimentar e desenvolvimento em populações caboclas da Amazônia. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 1-7, 2012. Disponível em: [http://www.unicamp.br/nepa/arquivo_san/volume_19_1_2012/Artigo1-SAN-19\(1\)2012.pdf](http://www.unicamp.br/nepa/arquivo_san/volume_19_1_2012/Artigo1-SAN-19(1)2012.pdf). Acesso em: 27 nov. 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005. 302 p.

TRATADO DE COOPERAÇÃO AMAZÔNICA. **Amazonia without Myths**. New York: BID; TCA; UNDP, 1993. 99 p.

VICENTINI, Juliana de Oliveira. **O discurso ambiental da TV: a Amazônia do Globo Repórter**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

WAWZNIAK, João Valentim. Percepção da internação e do ambiente hospitalar por ribeirinhos do Tapajós, Pará, Brasil. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 5, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/966/908>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, p. 223-243, 2004. Número especial. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297/313>. Acesso em: 7 maio 2014.